

IMPORTÂNCIA DO DEBATE DE GÊNERO NAS ESCOLAS: UM OLHAR DE PROFESSORES

Natielly Beatriz dos Santos Silva¹
Camila de Souza Melo²
Lucas Gabriel Vieira da Silva³

RESUMO

A presente pesquisa visa abordar sobre quais olhares os/as professores/as têm sobre a importância do debate dos estudos de gênero nas escolas. Esta pesquisa foi desenvolvida com oito professores do agreste de Pernambuco, através de uma pesquisa estruturada, que por conta da pandemia do Covid 19, as entrevistas foram realizadas através do aplicativo WhatsApp, por meio de áudios. Em suma, pretendemos com este trabalho, destacar a importância dos debates de gênero nas escolas, através de descrições dos olhares dos/das professores sobre o conceito de gênero e o que isso influencia na sua prática pedagógica, tendo em vista a necessidade de um posicionamento por parte desses docentes em situações preconceituosas, com o intuito de desmitificar esses preconceitos e valorizar a diversidade.

Palavras-chave: Gênero nas escolas, Desmistificar Preconceitos, Promover igualdade.

INTRODUÇÃO

A utilização do termo identidade de gênero e estudos de gênero tem sido largamente difundida, especialmente em pesquisas e artigos científicos que buscam aprofundar os conhecimentos em relação ao tema. No entanto, quando se trata da utilização em ambientes escolares ou em mídias sociais, percebemos que existe, na maioria dos casos, uma falsa definição, ou equívoco do termo, que muitas vezes é associado à mulher ou ao feminino exclusivamente, à orientação sexual ou às construções sociais que limitam e impõe comportamentos e ações sociais. Trata-se, de uma apropriação que busca relacionar o conceito de gênero a uma suposta ameaça à “família tradicional brasileira”.

As definições de gênero estão em constante construção, pesquisa e conseqüentemente atualização. A importância do uso de gênero é um marco na quebra de paradigma em relação aos estudos que eram considerados exclusivamente sobre a mulher. Conforme destaca Louro (2002):

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, natielly.silva@ufpe.br;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, camila.souzamelo@ufpe.br;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Pernambuco – UFPE, lucas.gabrielsilva@ufpe.br;

A emergência da categoria [gênero] representou, pelo menos para aquelas e aqueles que investiram na radicalidade que ela sugeria, uma virada epistemológica. Ao utilizar gênero, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder. O impacto dessa nova categoria analítica foi tão intenso que, mais uma vez, motivou veementes discussões e mesmo algumas fraturas internas. Também as relações de gênero passaram a ser compreendidas e interpretadas de muitas e distintas formas, ajustando-se (a) ou interpelando referenciais marxistas, psicanalíticos, lacanianos, foucaultianos, pós-estruturalistas (LOURO, 2002, p. 15).

Os avanços nos estudos de gênero têm proporcionado uma base teórica extremamente importante para o assunto. Apesar desses avanços, notamos também alguns retrocessos, proibições ou restrições produzidas por detentores de poder ao longo da história que tentam frear a qualquer custo a evolução de assuntos tão importantes.

Como por exemplo, a Igreja Católica, na figura do Papa Emérito Bento XVI, advertiu que definições de gênero contrastam com os princípios do catolicismo, na medida em que dá forma a um novo conceito sócio antropológico. Segundo Miskolci (2018), a discussão desse tema em conferências internacionais sinalizou uma preocupação para o Vaticano, uma vez que amplificou demandas envolvendo direitos sexuais e reprodutivos majoritariamente homossexuais.

Ora, a propagação da ideia de gênero está intimamente ligada à expansão dos direitos sexuais e reprodutivos, intrínseco a democracias contemporâneas respaldadas na noção de cidadania. Contudo, o regime democrático tem exposto sua fragilidade no meio civil por meio de um pânico moral estabelecido depois do reconhecimento, sob dispositivos legais, da união entre pessoas do mesmo sexo. Por esse prisma, a ameaça às estruturas conservadoras foi catalisada pela união homossexual legalizada.

De acordo com Miskolci (2018), após tal conquista legislativa, o então deputado Jair Bolsonaro liderou movimento contra materiais pedagógicos que seriam distribuídos nas instituições de ensino para promover o combate a homofobia na escola, taxando-os de “Kit gay”. A polêmica, logo apoiada pela bancada evangélica, pelos líderes religiosos e conservadores, que eram contrários ao uso do material, visava construir um ataque à imagem da criança, pondo em risco a formação infantil, com o intuito de criar um “pânico moral”.

Segundo Miskolci, o conceito de pânico moral foi criado “para caracterizar a forma como a mídia, a opinião pública e os agentes de controle social reagem a determinados rompimentos de padrões normativos” (MISKOLCI, 2007, p. 111). Diante disso, percebemos o quanto a inserção e discussão do conceito de gênero no ambiente escolar foi assunto de

bastante debate nas mídias sociais e nos noticiários, gerando polêmicas. Conforme Balieiro (2018), entre a metade de 2014 e o final de 2015, foi travada uma batalha para barrar iniciativas educacionais sob a perspectiva de gênero, onde nos posicionamentos mais diversos de seus opositores, era notório sua presumida indução à homossexualidade, à pedofilia e até mesmo ao comunismo.

Percebe-se que para os opositores ao debate de gênero nas escolas, essa temática seria prejudicial às crianças. Todavia, não foram levados em consideração os preconceitos que muitas crianças sofrem por não se encaixar nos padrões heteronormativos construídos pela sociedade, que por vezes, acaba levando a exclusão escolar. Para Fonseca,

Formação das identidades de gênero e das identidades sexuais, bem como a construção de preconceitos relativos a elas, refletem nas ações e práticas, muitas vezes de caráter discriminatório, presentes nos diversos contextos sociais, como o educacional (FONSECA, 2016, p. 1).

Além disso, temos que "a escola muitas vezes se constitui como um dos principais desencadeadores desse processo de exclusão, através de uma violência explícita por parte de alunos/as e de uma violência silenciada por parte de profissionais" (FRANCO; CICILLINI apud FONSECA, 2016 p. 3).

Nesse caminho, percebe-se que apesar dos avanços nas discussões de gênero, alguns/mas professores/as ainda apresentam dificuldades em refletir e discutir sobre o tema. Todavia, os preconceitos aos que não se enquadram no padrão heteronormativo continuam a existir dentro das escolas. "Situações em que um aluno ou uma aluna são alvos de gozação por parte dos (as) colegas por apresentarem comportamentos considerados "culturalmente" não adequados em relação ao seu sexo parecem ser realmente, situações comuns nas escolas" (MADUREIRA, 2007, p. 141). Ou seja, percebe-se que esse conjunto de regras que determinam o que é de menina e o que é de menino acaba sendo base para o preconceito com pessoas diferentes desse padrão. De acordo com Junqueira (2009):

Quando pensamos em escola devemos pensar também em um espaço disciplinador e normatizador, e não somente em um espaço que auxilia a formar futuros cidadãos e cidadãs. Logo, ela não apenas transmite/constrói conhecimento, porém faz isso reproduzindo padrões sociais, perpetuando concepções, valores e clivagens sociais, fabricando sujeitos e legitimando relações de poder e hierarquias (JUNQUEIRA, 2009, p. 24).

Portanto, percebe-se que muitas vezes a escola acaba se tornando um espaço de repercussão do preconceito, por isso, a importância de se trabalhar o gênero na sala de aula.

Sendo assim, mostra-se a necessidade dos/as professores/as saberem lidar com essas situações presentes no contexto escolar.

Segundo Nogueira, Felipe e Teruya (2008), mobilizar ações contra os processos de exclusão instituídos é um passo primordial para a implantação de uma diversidade cultural. Dessa forma, ao invés de rir e criticar as diferenças deve-se focar no reconhecimento delas e na possibilidade de aprendizado, pois, assim, os estudantes poderão valorizá-las e respeitá-las. Pois, "igualdade entre as pessoas não é anular as nuances e as diferenças existentes entre elas, mas garantir que tais variações não sejam usadas para se estabelecer relações de poder, hierarquia, violências e injustiças" (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 24).

Diante desse contexto, sabendo a relevância de trabalhar o gênero na escola para diminuir o preconceito e disseminar a igualdade de gênero, o nosso estudo tem o seguinte problema de pesquisa: *quais olhares os/as professores/as têm sobre a importância do debate dos estudos de gênero nas escolas?*

Buscando responder a questão acima, temos como objetivo geral de nossa pesquisa: compreender os olhares dos/as professores/as sobre a importância do debate das questões de gênero nas escolas. Quanto aos objetivos específicos, temos: a) identificar as principais ideias que fundamentam a compreensão sobre gênero trazida pelos/as professores/as; e b) elencar como os/as professores/as pretendem trabalhar, ou já trabalharam as questões de gênero nas escolas.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa que, Segundo Minayo (2004), este tipo de metodologia tem por objetivo analisar um nível de realidade sem quantificá-lo, trabalhando com crenças, valores e atitudes, fenômenos, significados, os quais não podem ser reduzidos ao manejo de variáveis. Dessa forma, buscamos investigar a partir da ótica de 8 professores do Agreste pernambucano qual a importância de estabelecer e promover debates sobre gênero nas escolas e quais as contribuições para o desenvolvimento crítico e social dos indivíduos.

Para tanto, a técnica utilizada para colher os dados foi a entrevista estruturada. Conforme destaca Minayo (2001), as entrevistas estruturadas “pressupõem perguntas previamente formuladas”. Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas através do aplicativo WhatsApp, por meio de áudios, sendo feita uma pergunta de cada vez. Antes de aplicar nosso trabalho buscamos traçar o perfil dos entrevistados quanto à idade, gênero, orientação sexual,

escolaridade e a disciplina que leciona a fim de que possamos analisar se esses fatores influenciam nas respostas apresentadas.

Dessa forma, para análise e sistematização dos dados obtidos utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo (AC) a fim de que possamos interpretar esse fenômeno a partir de categorias baseadas nas respostas dos professores entrevistados. Nesse sentido, Gil (2008) destaca que para análise de dados em pesquisas de cunho qualitativo é possível “definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (GIL, 2008, p. 133).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte, apresentaremos os resultados e as interpretações decorrentes das entrevistas realizadas com os professores, buscando alcançar o objetivo geral de pesquisa- compreender os olhares dos/as professores/as sobre a importância do debate das questões de gênero nas escolas. Para fins de análise também se apresenta o Quadro 1, em que consta o perfil com informações básicas dos professores escolhidos.

Quadro 1- Informações básicas dos professores

Professores	Idade	Gênero	Orientação Sexual	Escolaridade	Disciplina que leciona
P1	29 anos	Masculino	Heterossexual	Mestrado em Educação em Ciências e Matemática	Matemática - Ensino Médio
P2	36 anos	Masculino	Heterossexual	Licenciatura em História	História - Anos Finais
P3	34 anos	Masculino	Heterossexual	Licenciatura em Letras	Português - Anos Finais
P4	48 anos	Masculino	Heterossexual	Licenciatura em Matemática	Matemática - Anos Finais
P5	50 anos	Feminino	Heterossexual	Mestrado em Ciência da Educação e Multidisciplinaridade	Direitos Humanos - Ensino Médio
P6	22 anos	Feminino	Homossexual	Licenciatura em Matemática Incompleta	Matemática
P7	24 anos	Feminino	Homossexual	Licenciatura em História e Licenciatura em Matemática Incompleta	História, Ciências e Matemática- Anos Finais

P8	30 anos	Masculino	Homossexual	Mestrado em Educação Contemporânea	Ensino Fundamental-Anos Iniciais
----	---------	-----------	-------------	------------------------------------	----------------------------------

Fonte: Elaborada pelos autores

Para a análise das informações construídas durante as entrevistas, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo (AC), conforme destaca Moraes (1999), é utilizada para interpretar e descrever o conteúdo, ajudando assim, a reinterpretar as mensagens e a atingir uma melhor compreensão de seus significados. Sendo assim, foram elaboradas as seguintes categorias analíticas temáticas, descritas no quadro abaixo.

Quadro 2-Perguntas para os participantes

CATEGORIAS	PERGUNTAS
Concepções dos/as participantes sobre gênero;	1- O que você compreende por gênero? 2- O que lhe fez ter essa compreensão?
Como os/as participantes trabalham gênero na escola e opiniões sobre abordagens de questões de gênero em sala de aula;	3- Você trabalha ou já trabalhou as questões de gênero nas escolas? Caso sim, como você trabalha? 4- Qual a sua opinião sobre as abordagens das questões de gênero em sala de aula?
Como os/as participantes lidam quando percebem situações de preconceito na escola.	5- Você percebe situações preconceituosas na escola? Quando isso acontece, o que costuma fazer?

Fonte: Elaborado pelos autores

• Concepções dos/as participantes sobre gênero

Nessa primeira categoria analítica, é possível identificar que grande parte dos entrevistados caracteriza gênero como fruto de uma construção social, que vai muito além do binarismo pautado na sociedade. Como diz P8, *“Gênero eu entendo como o que a pessoa se reconhece e como ela cria uma imagem de si, é como ela se vê em relação aos papéis sociais”*. No entanto, sob uma análise amplificada dessa conjuntura, percebemos respostas que divergem dessa concepção defendida por teóricos e estudiosos da área. Ou seja, a equivocada associação entre gênero e características biológicas ainda é uma perspectiva válida pela minoria dos entrevistados, sendo possível destacar nas seguintes falas: *“Gênero é um grupo ideológico que buscar definir o sexo.”* (P3); *“Categoria utilizada para determinar o que é masculino ou feminino.”* (P4).

Dentre os entrevistados que compreendem a complexidade do termo gênero, é possível traçar, a partir da tabela apresentada, um perfil que atesta não só acesso à formação continuada, mas também a discussões no que diz respeito à temática de gênero. *“Através do trabalho de mestrado sobre homoafetividade, pois ao presenciar situações de bullying entre*

as crianças, sempre me interessei em pesquisar de que forma a escola poderia ajudar, tentando contribuir para a homoafetividade e a partir desse trabalho e do meu interesse e da minha curiosidade que terminei pesquisando sobre gênero.” (P5). Esse argumento também se faz presente quando “Para mim, gênero é como você se expressa para o mundo diferente do sexo. Inicialmente é uma imposição social, visto que ao nascer não temos poder de escolha, porém ao passar do tempo você pode concordar e se sentir bem expressando o gênero imposto ou escolher se expressar de outra forma. Além disso, é importante salientar que gênero não é dual (masculino e feminino), existe uma pluralidade de expressões que não se limita às vestimentas.” (P6).

Outro fator importante é relacionado ao papel de gênero na sociedade, que muitas vezes rege e estabelece que a organização social do sexo é baseada no gênero, em outras palavras, na imposição de restrições no que tange a sexualidade feminina. “Desde criança nos é imposto que tenhamos determinadas ações a partir de nossos gêneros. Muitos inclusive com uma visão totalmente limitada e errônea, como Azul é para menino. Menina é delicada... Construí inicialmente esse imaginário do gênero unicamente binário, que muito limita, adoce e dificulta as pessoas que não se encaixam, ao longo da infância. Mas na prática, e principalmente lendo textos da contemporaneidade, aprendi que esses estereótipos precisam ser quebrados... Que mulher deve ser o que ela quiser. Que você deve vivenciar o gênero ao qual você acha pertencer, se é que você acha pertencer a algum gênero pré-estabelecido, afinal enquanto humanos sempre descobriremos novas possibilidades.” (P1).

- **Como os/as participantes trabalham gênero nas escolas e suas opiniões sobre abordagens de questões de gênero em sala de aula**

É importante observar que essa categoria analítica está vinculada e dependente à primeira, pois os mesmos entrevistados que responderam às perguntas 1 e 2 utilizando o senso comum como base argumentativa e nenhum tipo explícito de conhecimento científico em relação ao tema não trabalham esse assunto em sala de aula e acham desnecessário e que apenas a família deve fazê-lo.

Como foi descrito nas respostas referentes à abordagem das questões de gênero na escola: “Que estão querendo acabar com os valores da família. A escola deveria ensinar os valores da família, ou seja, homem e mulher.” (P3); “Não sou a favor de tratar em sala de aula assuntos que devem ser ensinados no seio familiar. Até porque não vejo correlações entre essa temática e a disciplina que leciono (Matemática).” (P4).

A partir do momento que profissionais da educação utilizam sua posição de formador e transmissor de conhecimento para espalhar conceitos que não existem e ideias preconceituosas, eles acabam contribuindo para disseminação da cultura do ódio e dificultam o processo de desenvolvimento humano e cidadão, uma vez que respeitar todas as diversidades é fundamental para vivermos e convivermos bem em sociedade.

Nessa categoria também é possível observar que dentre os oito entrevistados, seis afirmaram que trabalham o conceito de gênero em suas aulas, quatro o fazem de maneira indireta (P1, P2, P6 e P7) e apenas dois de maneira direta (P5 e P8). P1 utiliza infográficos para discutir temas importantes ao desenvolvimento pessoal e cidadão e que estão sendo discutidos na sociedade, P2 traz discussões sobre esses assuntos de forma dialógica em suas aulas, P6 ao trabalhar sobre as mulheres na matemática, P7 através de questões matemáticas, P5 por lecionar a disciplina de direitos humanos relata fazer oficinas onde discute temas como sexualidade através de músicas e vídeos e P8 traz discussões diretas nas suas aulas.

Mesmo assim, é perceptível que a temática ainda é bastante polêmica para se trabalhar em sala de aula. Quando questionado, a professora (P7) afirma que, quando possível, tenta abordar todas essas questões articuladas nas aulas de matemática através até mesmo dos exercícios, por exemplo, *“João tinha bonecas.”*. No entanto, em algumas escolas não é possível devido às bases que fundamentam a religião, como foi destacado pelo professor P6: *“Sim, já trabalhei sobre mulheres na Matemática, trazendo a importância da representatividade nesse âmbito. Infelizmente, não tive a oportunidade de trabalhar a pluralidade de gênero pois eram escolas religiosas e que não permitiam discussões sobre essa temática, principalmente numa disciplina como matemática.”*

Sabemos que a maioria das disciplinas não incluem os estudos de gênero diretamente em seus currículos, mas cabe ao professor (a) utilizar os temas transversais que são propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) em suas aulas a fim de proporcionar ao aluno desenvolvimento cidadão, preparar e ensiná-lo a respeitar e conviver com diversidades e realidades diferentes da sua.

- **Como os/as participantes lidam quando percebem situações de preconceito na escola**

Em nossa última categoria analítica buscamos descobrir se os professores já tinham presenciado situações preconceituosas na escola e caso sim, o que costumam fazer quando isso acontece. Diante da análise dos dados percebemos que todos os professores já presenciaram situações preconceituosas na escola. Todavia, o professor P1 destaca que apesar

de ter presenciado algumas situações, reconhece que talvez alguma tinha passado despercebido e justifica da seguinte forma: "vivi no mundo machista, e isso por si só, faz com que minha vivência não perceba todos os elementos na prática".

No entanto, quando os professores identificam as situações, os mesmos buscam orientar os alunos e conversar com eles sobre o acontecido, como é possível perceber nas respostas: *"Infelizmente sim. Orientar acredito ser o melhor caminho. É o que faço."* (P2); *"[...] discutirmos o porquê daquele posicionamento tão ofensivo, e priorizei a fala das alunas, afinal mesmo mediando a situação, aquele não era meu local de fala."* (P1).

Além de orientar e conversar com os alunos, P5 enfatiza ser importante dar atenção também ao aluno causador do bullying, como mostra no seguinte trecho de sua fala: *"[...] o causador do ataque é tão carente de formação, de atenção e de cuidados quanto a vítima, a gente precisa ver os dois lados, embora, muitas vezes quando acontecia isso em sala de aula minha vontade era esganar, mas eu não fazia porque eu entendia que aquela criança ali que estava causando o bullying ela também era um produto social."* (P5).

Diante das respostas, percebemos a importância dos professores estarem preparados para intervir ao presenciarem situações preconceituosas, conversando, orientando os alunos e dando a devida atenção para o causador do bullying e para a vítima, além de estar sempre trabalhando com o tema de forma transversal, proporcionando momentos de conversas e debates. Para tanto, se faz necessário uma formação para preparar os profissionais para saber como agir ao presenciar tais situações e até mesmo a identificá-las, sendo imprescindível refletir e desmistificar alguns conceitos preconceituosos e que crescemos reproduzindo, sem saber o real significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos dados, percebe-se que a escola não é um espaço imune de situações preconceituosas. Sendo até contraditório, pois, segundo pesquisadores, o que se espera é que a escola contribua para a formação de cidadãos, entretanto, por ser um espaço constitutivo da cultura, ainda é marcado por concepções e crenças que influenciam nas práticas pedagógicas, sendo muitas vezes (re)produtoras de práticas discriminatórias e preconceitos. O que pôde ser evidenciado na fala de um dos professores, quando ele diz que nem sempre é possível identificar todos os momentos de preconceito, pois, por ser algo da nossa cultura, às vezes acaba passando despercebido, quando isso acontece, acabamos

conduzindo com tal prática, contribuindo para que a escola seja um espaço (re)produtor de preconceitos

Todavia, não se pode deixar de levar em consideração o fato do poder de transformação da educação, enfatizando a necessidade de momentos de intervenções sempre que necessário, de diálogo e de abordagens das questões de gênero na sala de aula, independente da disciplina que o professor leciona, pois educar vai além de transmitir conhecimento de uma disciplina. Sendo assim, para que os professores estejam preparados para discutir essas temáticas na sala de aula, se faz necessário também uma formação continuada aos profissionais da educação e um diálogo frequente entre a família e a instituição escolar.

Em suma, o que pretendemos com este trabalho, destacar a importância da inserção das abordagens de gênero nas escolas, através da descrição sobre o que os professores compreendem por gênero e o que isso influencia na sua prática pedagógica. Afinal, sabemos a importância dos(as) profissionais da educação desenvolverem o compromisso ético, ensinando o respeito às diferenças e o exercício de solidariedade. Para os teóricos, é preciso combater os mecanismos excludentes que se fazem presentes, através da consciência dos mesmos e do delineamento de estratégias que promovem a autonomia dos sujeitos, colaborando para a construção de uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

BALIEIRO, F. F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**. 2018; 53:e185306.

FONSECA, J. V. C. **Gênero e diversidade sexual na escola a partir da perspectiva de profissionais da educação**. 2016. 22 f. Artigo (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNQUEIRA, R. D. (2009). **Homofobia nas escolas: Um problema de todo**. In R. D. Junqueira (Ed.), *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia na escola* (pp. 13-51). Brasília DF: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Ministério da Educação.

LINS, B. A.; MACHADO, B. F. ; ESCOURA, M. *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. São Paulo: **Reviravolta**, 2016.

LOURO, G. L; *Epistemologia feminista e teorização social- desafios, subversões e alianças*. Coletânea Gênero Plural. Curitiba: **UFPR**. 2002, p. 11-22.

MADUREIRA, A. F. A. (2007). **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática.** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em:
<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1610/1/Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf.>
> Acesso em: 16 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa qualitativa. In: Minayo MCS, organizadora. Pesquisa Social: teoria, método, criatividade. 21a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 1994. p. 9-29.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, volume 53, 2018.

MORAES, R. Análise de conteúdo. Educação, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-32, mar. 1999.

NOGUEIRA, J. K; FELIPE, D. A; TERUYA, T. K. (2008). Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. **Fazendo Gênero 8- Corpo, Violência e Poder.**